

CENTENÁRIO INESQUECÍVEL

ALTAIR FRÂNCO FERREIRA

Marechal R/1

O País vive o quinquênio do centenário da Guerra do Paraguai. Os fatos históricos e as efemérides são lembrados com pompa e ardor cívico e as comemorações se revestem de excepcional brilho, porque sempre, ao lado das continências e clarinadas militares, está o Povo brasileiro cioso do valor atual de seus irmãos em armas e há contrita reverência aos heróis do passado que tão belas tradições de coragem e patriotismo souberam legar aos pósteros para a construção desta realidade que é o Brasil, forte, uno e indivisível de hoje.

E assim festejou-se, em dezembro de 64 o centenário da heróica resistência do Forte Coimbra e do épico sacrifício de Dourados, simbolizando o protesto do Povo brasileiro contra qualquer invasão do sagrado território nacional; em 65, foram consagradas, de um lado a Batalha Naval do Riachuelo que marcou a supremacia absoluta da Esquadra brasileira em águas do Rio Paraná e que assegurou a posse irretorquível da linha fluvial de comunicações para a completa vitória dos Exércitos aliados; por outro lado, rememorou a retomada de Uruguaiana resumindo à Força da autenticidade do patriotismo brasileiro, zeloso das fronteiras conquistadas a duras penas, pelos antepassados dos tempos de colônia; ambas, batalhas decisivas que assinalaram a mudança de atitude ofensiva da guerra de conquista do inimigo para a situação de defesa do seu próprio território diante do irreversível fato da superioridade potencial dos aliados. Em 66 deu-se brilho excepcional de verdadeira consagração, ao centenário da memorável Batalha de Tuiuti, vencida contra inimigo numericamente superior, graças ao admirável gênio guerreiro de Osório, que dela saiu com o epíteto de "*o Legendário*", com o título nobiliárquico de "*Marquês do Herval*" e com a alcunha jocosa, mas de tanta significação humana, de "*Cabo velho*". Representou essa vitória a positiva afirmação da firme resolução do Comando Aliado de levar a luta ao interior do país provocador, não contra o seu Povo, e sim contra o seu Governo cujo sentido despótico e tirânico, atentava contra os sagrados direitos da Liberdade e da Democracia; outrossim, asseguram os estudiosos, a Batalha de Tuiuti constituiu o marco final da primeira fase da Campanha, aquela do Comando de Osório, na Chefia das Forças brasileiras conduzindo-as na longa e demorada marcha de concentração, desde Aiui-Grande, ao norte da Concórdia, até Lagoa Brava, nas imediações de Corrientes, preparando-as para as operações de desembarque em

território inimigo e, por fim, consolidando a cabeça de praia de Tuiuti, tudo contra um inimigo agressivo, impetuoso e audaz, cujo ímpeto só foi quebrado com a estrondosa derrota sofrida a 24 de maio de 1866. Nesse longo e inesquecível período houve predominância das ações da arma de Infantaria.

A êsse memorável feito, seguiu-se uma fase de estagnação das forças terrestres que ia durar 14 meses e onde os sangrentos reencontros de 11, 16 e 18 de julho, o ataque vitorioso de Curuzu (3 de setembro) e o fracasso de Curupaiti (22 de setembro), ainda que com elevados registros de perdas, entre mortos e feridos, não foram mais do que ações locais de correção da frente de contato do grande campo entrincheirado de Tuiuti e de sublimação de comandos e tropas, entre os quais o Visconde de Porto Alegre e as unidades do seu 2º Corpo de Exército. Osório se retira, doente, para o interior do seu Rio Grande do Sul. A idéia dominante é a do sítio ao quadrilátero fortificado de Humaitá, por forma a isolá-lo da Capital guarani, tanto pela via fluvial, como por terra, mas as dificuldades, em ambos os casos, decorrentes da falta de conhecimento do terreno e dos obstáculos plantados pelo inimigo no leito do rio, tornam a operação irrealizável, pelo menos, por algum tempo. A Artilharia, de terra e dos navios, tomam a si a missão de importunar o inimigo, destruindo-lhe as fortificações e impedindo ou dificultando os trabalhos de reconstrução ou renovação, mas tudo debalde no tocante à progressão da tropa de terra. Foi o momento e a situação em que o patriotismo dos homens de governo da época, foi mais forte do que as convicções políticas que impedem nomear Caxias comandante em chefe das forças brasileiras em operações, fato que ocorreu a 10 de outubro, tendo, a 19 de novembro, o grande Cabo de Guerra assumido o glorioso comando das tropas brasileiras em Tuiuti e adjacências.

O ano de 1867 pode ter sido, como foi, um ano pobre das retumbâncias épicas dos grandes feitos ou das batalhas decisivas que tornaram inesquecíveis os anos anteriores, entretanto, quando rebuscado, poderá apresentar pelo menos cinco razões fortes, para que, como os anos anteriores, seja reverentemente lembrado e festivamente comemorado o seu centenário, a saber:

1ª) para marcar a glória e apoteose da excepcional capacidade de comando e do extraordinário espírito de ordem, organização e administração do ínclito Chefe, Caxias;

2ª) para consagrar um dos momentos decisivos da luta, qual o do início da famosa "Manobra de Flanco de Tio Domingos", concebida, montada e executada sob os auspícios de Caxias;

3ª) para exaltar o abnegado esforço do Serviço de Quartel Mestre (Intendência atual) e das tropas de comboio (Trens) encarregados de alimentar a forte corrente de suprimentos daquela manobra famosa;

4ª) para assinalar a redenção da Cavalaria brasileira, tão desme-recida por suas fracas atuações nos anos anteriores;

5ª) para consagrar o desmedido devotamento e a inquebrável tena-cidade do soldado brasileiro, rememorando a gloriosa epopéia da Retirada da Laguna.

GLÓRIA E APOTEOSE DA AUTORIDADE DE CAXIAS

Glória nunca assaz decantada pois no dizer de Taunay, "*não há pompas de linguagem, não há arrubos de eloquência capazes de fazer maior essa individualidade cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza...*", mas a obra ciclópica e serena de Caxias durante o primeiro semestre do ano de 1867, foi, sem dúvida, a glorificação de sua excep-cional capacidade de comando, a consagração do seu esclarecido senso de organização, a afirmação inconcussa de seus atributos de administra-dor experiente e realizador e a nobilitação de seu elevado espírito de ordem e disciplina, transformando, em curto prazo, a tropa inerte e estagnada dos vencedores de Tuiuti, na fôrça dinâmica e agressiva com que iria conquistar, pouco mais tarde, o famoso quadrilátero fortificado de Humaitá, realizar a marcha triunfal para o Norte, até às trincheiras e obstáculos do Pikissiri e sublimar-se com as vitórias de Itororó, Ivahy e Lomas Valentinas.

E, se êsse milagre da revitalização das fôrças imperiais não fôsse bastante para engrandecer a personalidade ímpar do grande Chefe, ainda haveria o fato memorável de suas conquistas no setor da Política de Comando, restabelecendo, pelo diálogo inteligente e de sólidos argu-mentos, a confiança e a cooperação das fôrças navais, antes ressentidas com as exigências um tanto atrabiliárias do Comando-Chefe estrangeiro da Tríplice Aliança, delas obtendo a 15 de agôsto o heróico forçamento das passagens de Curupaiti, e, bem assim, reavendo a colaboração pres-tigiosa de ilustres Generais que, por diversos motivos se haviam licenciado de seus comandos e que, agora, atendiam céleres ao seu patriótico chamamento, trazendo consigo todo o garbo de suas indiscutíveis auto-ridades e o misterioso carisma de suas irrefutáveis capacidades de lide-rança, alguns até fazendo-o com prejuízo de suas saúdes, ainda não refeitas, como no caso de Osório que ainda em estado de convalescença, deixou o seu lar, para, nas campinas do Rio Grande do Sul, recrutar o pessoal do seu famoso 3º Corpo de Exército, à testa do qual havia de desembarcar pela segunda vez no território guarani, a 16 de julho, exatamente quinze meses depois de sua intrépida atuação na Vanguarda dos Exércitos aliados de desembarque no território paraguaio, ação que, de Palleja, oficial e comentarista uruguaio, teria merecido o seguinte elogio, "*El Mariscal Osório há estado en primera linea, batiendose como un cadete, mostrando a sus soldados el camino de la gloria...*".

Por fim, foi ainda nesse memorável primeiro semestre de 67 que Caxias trouxe para os campos de operações o valor de seus profundos conhecimentos de todos os meios de combate da época, fazendo subir, pela primeira vez na América do Sul, no dia 24 de junho, balões de observação militar e, em seguida, repetindo a operação nos dias 8, 12, 13, 20 e 21 de julho e 15 e 16 de agosto, visando a localizar as posições e observar os movimentos do inimigo no quadrilátero fortificado de Humaitá e, bem assim, para melhor conhecer as condições do terreno ao Norte do Estero Rojas, suprimindo com esboços panorâmicos a completa carência de cartas geográficas ou topográficas do Teatro de Operações.

MANOBRA DE FLANCO DE TIO DOMINGOS

A efeméride de 22 de julho de 1867 lembra um momento decisivo da luta Lopezguaia, qual o do início da famosa "Manobra de Flanco de Tio Domingos", concepção feliz do iluminado espírito manobreiro de Caxias e fruto ousado dos estudos de terreno realizados com auxílio de seus modernos aeróstatos, a fim de realizar o envolvimento de sítio das posições de Humaitá e levar as tropas para campos que, segundo as testemunhas da época, *"começaram a ser enxutos e seu aspecto bastante agradável, pois, sendo o mato menos freqüente, deixava algumas pequenas campinas, através das quais a marcha se tornava fácil"*. Era de fato compensador, realizar a ação desbordante em busca das novas posições de Tuiú-Cuê através das terras altas e firmes de Palmares e transpondo os dois "esteros", Bellaco e Rojas na região de Passo Tio Domingos, distante cerca de quatro léguas de Tuiuti, para Leste e, em seguida, refazer a mesma distância, para Oeste, a fim de atingir aquelas posições, do que procurar atingir diretamente Tuiuti — Tuiú-Cuê (separadas apenas duas léguas, uma da outra) através de brejos e atoleiros dos "esteros" e apenas a uma e meia légua das posições inimigas do quadrilátero fortificado de Humaitá.

O evento de 22 de junho de 1867 se constituiu no autêntico marco histórico que separou a corrida desagregadora da indisciplina e da ineficácia de um exército deixado à inércia do após-louros da brilhante vitória de Tuiuti, dos movimentos ordenados, das manobras ousadas da revivescência do ardor combativo de homens que sabiam lutar por uma causa nobre e patriótica e que se inspiravam nos exemplos de bravura coragem e abnegação que Caxias lhes dava a todo momento e por qualquer motivo.

ESFÓRÇO DO SERVIÇO DE QUARTEL-MESTRE E DAS TROPAS DE COMBOIO

A Manobra de Flanco de Tio Domingos teve, necessariamente como consequência, o problema de reabastecimento do grosso do Exército, deslocado para os acampamentos de Tuiú-Cuê, sendo a primeira preocupa-

ção, a do encurtamento do eixo principal de comunicações, o que foi conseguido com trabalhos de engenharia para melhoria do Passo Ipohy, sobre o Estero Rojas, diminuindo de duas e meia léguas a ligação entre a base de Tuiuti e aquele acampamento de Caxias.

Mas a característica do terreno ao Sul do Estero Rojas é a de terras alagadiças, densamente matosas com raras clareiras, porém permeável para isolados e pequenos grupos, com estradas que eram simples sendas, formando perigosos desfiladeiros e apresentando perigosos ângulos para emboscadas. Essas características o inimigo as conhecia muito melhor do que nós, tanto assim que conseguiu se apossar dos dois primeiros comboios e tropas de gado, que se destinavam a Tuiui-Cuê, nos dias 1 e 3 de agosto, o que obrigou ao Serviço de Quartel-Mestre requisitar escolta para todos os comboios destinados àquele acampamento. Durante alguns dias, o inimigo parece respeitar a pequena escolta de cavalaria que varre os arredores imediatos da estrada, cobrindo o deslocamento dos comboios, eis senão quando, na manhã de 11 de agosto, um longo comboio de carrêtas, ao desembarcar numa clareira de Palmares (meia légua dos campos de Tuiuti), é violentamente atacado por um forte contingente inimigo de mais de 300 homens, que se lança ao saque e destruição do carretame e faz estourar a boiada da tropa de corte, sem que a pequena escolta de 60 cavalários, que reconhecia o itinerário e o piquê de 20 homens que cobria a retaguarda, pudessem intervir, pelo menos, para diminuir os danos e prejuízos. A proximidade do ataque das bases de Tuiuti, alertou as tropas do acampamento, que guiadas pelo eco dos tiros, montam rápida operação visando a cortar a retirada dos atacantes, para o que Pôrto Alegre designa 3 corpos de cavalaria e 2 batalhões de infantaria, estes sob o comando do coronel Antonio da Silva Paranhos, que consegue rechazar os assaltantes inflingindo-lhes perdas fortes e retomando o carretame, enquanto que a cavalaria prendia isolados infiltrados no mato. O inimigo perdeu mais de 100 homens (30%) de seu efetivo, enquanto que os aliados tiveram 26 homens fora de combate, nêles incluindo o bravo capitão de Cavalaria Antônio do Palmar Tavares e mais 14 feridos e contusos. Este feito tomou o nome de "combate de Palmares", e teve como consequência, de um lado, a adoção do "Estero Rojas" como limite entre a Zona de Operações e a Zona de Etapas, ficando a segurança dos comboios a cargo das tropas respectivas; o reforçamento dos contingentes destinados à segurança dos comboios, que, por fim, atingiram a efetivos de Brigadas reforçadas, sob o comando de General, tal a importância atribuída à operação e, também, a ocupação permanente dos Passos da Canoa e do Ipohi; do lado inimigo, verificou-se o temeroso respeito, por mais de quarenta dias, aos movimentos dos trens e comboios, embora os fatos comprovem que, nesse período tenham sido concentradas em local seguro, as forças do Ten-Cel Valois Rivarola (chefe conhecido pela sua obstinada dedicação a Lopez e pela valentia e sentido sanguíneo com que conduzia suas tropas), destinadas a um ataque violento de decidida ruptura da famosa linha de comunicações dos aliados.

O dia 24 de setembro, marca a data em que as tropas do General Albino de Carvalho (Bda. Inf do Ten-Cel Augusto Francisco Caldas, composta dos 29º, 41º, 43º e 49º de Voluntários da Pátria, e mais o 5º e 12º Corpos Provisórios de Cavalaria), além de uma reserva constituída pelos 28º V. P. e 13º C. Cav e uma Bta de canhões calibre 4, postada na região de onde devia desembocar o comboio para uma clareira próxima aos acampamentos de Tuiuti, se defrontaram com as de Rivarola (o criador e treinador dos terríveis cavalarianos guaranis, os "Acá-Morotis"), no valor de 6 Btl Inf, 3 Reg Cav, 4 canhões e uma estativa de foguetes, cuja missão teria sido, dedutivamente: *"surpreender, na região de Umbú, as tropas de escolta dos comboios brasileiros, aniquilando-as, apreender e saquear o carretame, por forma a romper definitivamente a a linha de comunicações dos aliados, por "Passo Ipohi"*. A serena e acertada atuação do General Albino de Carvalho, que manteve emboscada boa parte de seu efetivo, permitindo manobrar sobre os flancos dos atacantes guaranis, não só anulou a surpresa de que estava ameaçado e garantiu a integridade dos comboios que defendia, como surpreendeu o próprio atacante, atuando onde e quando ele menos esperava, destruindo-o mediante rijos contra-ataques, dos quais saiu, aliás, com extenso ferimento. A uma segunda investida de Rivarola, montada momentos depois, atendeu o próprio Pôrto Alegre, comandante do 2º C Ex estacionado em Tuiuti, que, ao alarme provocado pelo tiroteio do Umbú, para lá ocorreu com mais 3 Btl. V. P., e, mediante tão hábil quanto trabalhosa (por causa das dificuldades do terreno) manobra repeliu o inimigo definitivamente, ocupando as elevações do local e levando a perseguição (cavalaria) até ao "Passo Sati", sobre o "Estero Rojas", já sob os fogos dos defensores do quadrilátero defensivo de Humaitá. Rio Branco chama a este encontro de combate de Estero Rojas.

Por fim, vendo frustradas suas tentativas de romper a linha de comunicações aliada, o inimigo intenta destruir o acampamento de Tuiuti, base de operações e armazém dos aliados, para o que, reúne forças no valor de 9.000 homens, postas sob o comando do Gen Barrios (o invasor de Mato Grosso, em 1864), com a missão de *destruir as forças aliadas de Tuiuti e Passo da Pátria e arrasar as instalações, comércio e armazéns por ventura encontrados*. Às 04,30 da manhã de 3 de novembro de 1867, o inimigo ataca, de surpresa, as posições da extrema direita das posições de Tuiuti, levando de roldão a guarnição do fortim ocupado pelo 4º Btl Art. a Pé (Major Cunha Matos), que é dizimado e feito prisioneiro, e, investindo violentamente contra os redutos argentinos do flanco, que cedem, abrindo brecha logo aproveitada pelo inimigo, lança-se sobre o centro do acampamento, detendo-se nas barracas de comércio, a cuja pilhagem passou a se entregar. Refeitas da surpresa, as tropas aliadas se reagrupam sob as ordens de Pôrto Alegre, e se lançam a contra-ataques locais, fortemente apoiados pela Artilharia, particularmente a do Cel Manuel Lobo D'Eça, que realiza prodígios de mudanças de posição e de rapidez de entrada em ação. Entrementes Pôrto Alegre realiza milagres de coragem e de heroísmo na defesa do "Reduto Central",

com apenas 6 Btl. de Voluntários e 3 Regimentos de Art.; o Gen Paranhos, encarregado da cobertura do comboio de Tuiú-Cuê, entrega a proteção dêste à cavalaria de que dispõe e, com sua Brigada (45º, 52º e 32º V.P.) e mais o 48º que a êle se incorpora, lança-se à retomada dos fortins e ao ataque das retaguardas do inimigo atacante, que se põe em fuga, deixando fortes perdas e importantes troféus, depois renhida luta de cêrca de 4 horas de combate e que custou mais de 2.000 homens fora de combate, de cada lado, mas que, antes de mais nada, faz com que o inimigo mude a sua maneira de pensar sôbre suas possibilidades de resistência no quadrilátero fortificado de Humaitá, cujos limites exteriores diminui sensivelmente e cujos reabastecimentos vai procurar obter através de precária estrada aberta nos inundados terrenos do Chaco, com evidentes demonstrações de enfraquecimento do poder de resistência do baluarte. Por fim, sôbre a efeméride repitamos o que diz Tasso Fragoso: *"No recontro de 3 de novembro a figura do General Pôrto Alegre destaca-se com brilho imorredouro; êle patenteia, mais uma vez, suas qualidades excepcionais de heroísmo e tenacidade. Embora compreendendo a gravidade do momento, mantém-se firme no cumprimento do dever; perde duas vêzes o cavalo em plena refrega, recebe contusões por balas inimigas mas continua à testa dos elementos disponíveis, eletrizando-os com o seu exemplo e inflamando-os no desejo de colhêr a vitória na-quele lance"*.

REDENÇÃO DA CAVALARIA BRASILEIRA

Caxias, ao assumir o comando das tropas imperiais, em Tuiuti, preocupou-se com a precaridade do estado da cavalaria, tomando como uma das primeiras medidas de reorganização, a aquisição de novos animais de montaria e de tração e o estabelecimento do forrageamento à base de milho e alfafa. Por outro lado, julgando fracos os elementos de cavalaria no teatro de operações, recomendou a Osório, quando lhe escreveu carta outorgando poderes para organizar o 3º CEx, *"...V. Exc.ª. armará a força que daí marche com clavinas e a tratará de exercitar a pé e a cavalo, para que possam servir ainda quando lhes faltem cavalos. A todos dará o título de Corpos de Caçadores a Cavalo"*. O Grande Chefe, sentindo-se confinado nos campos de Tuiuti, precisava saber o que escondiam as matas que circundavam o acampamento, e, bem assim o caminho a seguir para cortar as comunicações do quadrilátero fortificado do inimigo, em Humaitá, para o que usou balões e patrulhas de cavalaria.

A princípio, a cavalaria desenvolveu reconhecimentos aproximados, de pequeno efetivo, cobrindo as patrulhas de "busca de lenha" que, muitas vêzes voltaram trazendo, ao em vez do precioso combustível, feridos dos recontros havidos. O inimigo ousado que importunava os acampamentos de Tuiuti, foi, aos poucos, sendo adentrado e afastado das orlas da mata, por fôrça da atividade da "Arma do Movimento", de que o cavalo passou a ter tratamento muito especial. Também a idéia de armar os cavalarios com clavinas e exercitá-los tanto a pé como a cavalo que

Caxias tanto recomendou a Osório, quando o encarregou de levantar no Rio Grande do Sul, o 3º C.Ex., era sem dúvida alguma, o prenúncio da associação do "fogo" ao "movimento", aumentando, de maneira considerável, a capacidade de ação da "Arma dos espaços livres", cujo valor combativo era assim analisado por Andrade Neves, em carta dirigida, na época, ao seu grande amigo, Barão Homem de Mello: "... nossas cavalarias estão muito bem montadas, os cavalos gordos e lindos. Minha Divisão, de 1.400 praças boas, está ansiosa por brigar. Tenho a esperança que, alguma coisa farei, se não morrer na primeira carga. Eu aqui digo aos meus companheiros, que não temos inimigo para brigar com este Exército". Era o valor combativo, a iniciativa, a abnegação da "Arma" que ressurgiam das sábias providências de Caxias.

Por outro lado, os mapas geográficos assinalavam, em letras de minúsculo talhe, a existência da localidade de Pedro Gonzales, sobre a estrada Itati — Humaitá e situada a 6 ou 7 léguas Leste de Tuiuti, dando a impressão que esse seria o caminho de desdobramento das posições do quadrilátero de Humaitá e acesso aos campos mais permeáveis do Norte do Estero Rojas. A cavalaria reconheceu o itinerário e verificou estar abandonada a vila, de vez que ali só encontrou umas poucas lanças e alguns arreios, mas revelou, a meio caminho, a passagem de "Tio Domingos" que, por fim, serviu de base para a célebre manobra que lhe tomou o nome.

Dessa forma, quando Caxias desencadeou a "Manobra de Flanco" tratou de constituir sua tropa de exploração, confiando-a à 1ª DC (Brigadeiro João Manuel Menna Barreto), com 1.600 cavalarianos e alguma infantaria, que alcançou rapidamente o Passo de Tio Domingos e o ocupou, por forma a assegurar a aproximação dos escalões seguintes, o 3º C. Ex. (Osório) como vanguarda e 1º C. Ex. (Argôlo), o grosso. Na segunda fase do movimento, diante do completo desconhecimento do terreno e de seus meandros, Osório entende empregar suas duas D.C. em exploração, e, tomando a estrada Tio Domingos — Tuiui-Cuê como eixo, dá o Norte como zona de ação para a 1ª D. C. e Sul, para a 2ª (Andrade Neves), as quais encontram abandonadas as localidades, sucessivamente de Cabrera-Cuê, Mancuello, Estância Negrette, Cerrito e finalmente, Tuiui-Cuê, depois de haverem vasculhado o terreno de suas zonas de ação, onde encontraram e aprisionaram alguns esculcas, desertores ou retardatários mal montados, que prestaram informações preciosas e interessantes sobre as fortificações novas que defrontavam Tuiui-Cuê e sobre a existência da Fazenda S. Solano, onde o Ditador mantinha reservas de gado para a subsistência de Humaitá. E em verdade, quando o grosso da vanguarda atingia Tuiui-Cuê (31 julho) foram avistadas colunas retirantes de infantaria e cavalaria do inimigo (Cmts Medina e Rolón), com posições de retardamento nas orlas dos laranjais de Guaiaivi, (cerca 1/4 de légua daquela localidade), a quem Osório ordenou atacar sem detença, colocando artilharia em posição, apoiada pelos atiradores do 55º de Voluntários, que tomou o inimigo sob fogos frontais, enquanto que Menna

Barreto e Andrade Neves investiam pelos flancos, fazendo-o fugir em pânico, deixando vultosos perdas materiais e pessoais, contra apenas 31 mortos e feridos dos nossos. Este combate tomou o nome de "Combate do Passo do Marquito" e sabe-se que as tropas de perseguição de Andrade Neves levaram sua ação até às famosas trincheiras (1 légua) do Passo do Espinilho, atrás das quais o inimigo se abrigou.

A realidade constatada foi portanto de que as tropas aliadas não haviam saído à retaguarda do inimigo e que, todavia, não era acertado fazer nôvo deslocamento com o grosso, de Tuiú-Cuê para o Norte, antes de melhor conhecer o terreno circundante e de assegurar relativa segurança no funcionamento de linha de reabastecimentos vinda de Tuiuti, linha esta que, aos primeiros dias do duplo acampamento, foi várias vezes atacada, com alguns prejuízos, mas que, por fim, a cavalaria de escolta soube proteger e manter com galhardia e brilho, mesmo quando o inimigo, em desespero de causa, tentou ataques destruidores de relativo vulto. Por outro lado, sendo a tônica do comando a idéia do sítio ao quadrilátero de Humaitá e tendo havido o informe da existência da Fazenda S. Solano, com possíveis reservas de tropas de gado e outros trens de reabastecimento daquela fortaleza sitiada, impunha-se aclarar aquêlê informe, não só pelos benefícios das prêsas prováveis ali encontradas, como pela segurança que podia representar a posse do lugarejo sito a légua e meia de Tuiú-Cuê, razões por que Caxias logo ao chegar com o grosso dos exércitos àquela localidade, tratou de organizar forte destacamento para realizar o reconhecimento em força da região. Para comandar êsse destacamento, Caxias, atendendo a motivos políticos da aliança, designou o General uruguaio Henrique Castro e para constituir-lo foram escolhidos as tropas da 2ª D. C. (Andrade Neves) reforçadas pela 2ª Brigada de Cavalaria e mais o 24º e o 25º Corpos Provisórios, ou sejam 8 unidades da cavalaria brasileira, num total aproximado de 2.600 combatentes, além de um contingente argentino de 400 cavalarianos correntinos.

Na noite de 2 para 3 de agosto, Castro fêz aproximar sua tropa sôbre o objetivo designado, cuja Vg (11º R. C. — Manuel Rodrigues de Oliveira — e 6º R. C. — Manuel Inacio da Silva), ao clarear do dia 3, desaloja elementos de PA do inimigo e se choca com força de 600 a 700 cavaleiros guaranis, na maioria mal montados, na localidade de Pinimbu, sôbre a estrada rumo a Assunção, deixando S. Solano a cêrca de meia légua à direita (Leste). O inimigo foi batido e violentamente perseguido até à ponte do Arroio Hondo, distante cêrca de uma légua daquela localidade. Nessa altura, Andrade Neves ultrapassa a Vg. com três regimentos descansados da nossa cavalaria e leva a perseguição do inimigo até à mataria da região de Posta-Chuchu na direção de Vila del Pillar, onde os remanescentes se dispersaram e se embrenharam no mato. Na tarde do mesmo dia, Castro depois de reunir suas forças, foi acampar na fazenda S. Solano, de onde dirigiu sua parte de combate que, entre outros pormenores citava a prêsa de 600 reses, 360 animais cavallares, 2 carrêtas de munição, 400 armas individuais e numerosa ferramenta de sapa, além

da constatação de apenas um morto e oito feridos, dentre os nossos, contra 154 mortos (encontrados e dados sepultura) e 34 prisioneiros do inimigo que, como é fácil depreender, foi totalmente surpreendido em suas posições e acampamentos. Outrossim, foram feitas depredações na linha telegráfica do inimigo, que seguindo a estrada real, ligava Humaitá ao interior do país. Foi o chamado "Combate do Arroio Hondo".

Esta e outras tantas operações de menor vulto realizadas pela cavalaria brasileira nos primeiros dias do duplo acampamento, e destinadas a desafogar e criar zonas de segurança em torno de Tuiu-Cuê, entusiasmaram por tal forma aos chefes, que Andrade Neves em carta de 14 de agosto dirigida ao Barão de Teffé, assim se expressava: *"... ganhou-se muito, por ter-se entrado à força pela campanha, mostrando-lhes (aos inimigos) que hoje nada nos embaraça de penetrarmos para o centro da província"*.

Uma semana mais tarde, a 9 de agosto, tocou à tropa de J. M. Menna Barreto explorar a faixa entre S. Solano e o Arroio Hondo o que fêz, reconhecendo itinerários conducentes ao Arroio e alguns passos nêles existentes, produzindo destruições em linhas telegráficas do inimigo, fazendo preias de grande vulto, particularmente no tocante a gado vacum e cavahada, ainda que magro e estropiado, concluindo militarmente que o inimigo, entre S. Solano e o arroio, mantém apenas sentinelas e esculcas que se escapam rapidamente ao pressentirem a aproximação das forças amigas e, por fim, desbaratando e aprisionando, a cerca de 2 léguas a Nordeste do arroio, tropa de cavalaria guarani, mal montada e de ânimo combativo bastante combalido, numa verdadeira confirmação do que afirmava Andrade Neves, na carta acima mencionada. O tempo confirmou que as sortidas da cavalaria brasileira, em 1867, desgastaram profundamente os temíveis "Aca-moroti" de Rivarola, e tanto o foi que, no ano seguinte, na Batalha de Avaí, os cavalarianos guaranis eram meninos de 12 a 15 anos que, para terem aspecto mais másculo, usavam postiços feitos de crinas, à guisa de barba e bigode. Os verdadeiros "Aca-moroti" haviam desaparecido...

A 15 de agosto, a esquerda força as passagens de Curupaiti com êxito e galhardia mas prefere diferir as operações contra Humaitá, tendo em vista as dificuldades de reabastecimentos que naturalmente haviam de sobrevir em decorrência da operação. Os reconhecimentos e as observações acusam grandes movimentos pelo rio Paraguai, vindos do interior do país inimigo para reforçamento e vida em geral, em Humaitá. O Comando aliado compreende que é preciso atingir a barranca daquele rio, bem ao Norte da fortaleza sitiada, por forma a interceptar a remessa de recursos vindos do interior, e os mapas geográficos e os informes colhidos apontam as localidades de Vila del Pilar e de Taíí como sítios favoráveis para tal, a primeira situada imediatamente a jusante da embocadura do rio Nhembucu, a cerca de 8 léguas e meia de Tuiu-Cuê e a segunda, a meio caminho, quase inacessível por terra, por situar-se em restinga existente entre o rio e os banhados e matas do Potrero

Obella o enorme e cerrado matagal de forma trapezoidal que se estende ao Norte do arroio Hondo, por sete milhas ao longo da margem esquerda do rio Paraguai, com uma largura de 4 a 5 milhas. Também a impertinente presença de cavaleiros isolados ou em pequenos grupos, sempre fugidios, ou mesmo algumas partidas mais ousadas, como a que atacou a 6 de setembro a guarda brasileira da Fazenda S. Solano, composta de um esquadrão sob o comando do capitão Chananeco, que soube resistir heróicamente até a chegada de forças maiores para derrotar os atacantes, alimentava a impressão da existência de tropas esparsas, acampadas fora do quadrilátero de Humaitá, embrenhada na mata que circunda Tuiú-Cuê, principalmente ao Norte do arroio Hondo, entre este e o Nhembucu ou mais precisamente, até Villa del Pilar.

A data de 20 de setembro marca, justamente, a retumbante vitória de Andrade Neves e de seus valentes bombachudos sobre os ocupantes inimigos de Villa Del Pilar, a quem destruiu e aprisionou e de quem tomou estandartes, canhões, armamento portátil, munições de guerra e de bôca, firmando, por fim, no comando inimigo o travo cruel da derrota e obrigando-o a iniciar suas medidas de evacuação da praça forte de Humaitá através dos nívios terrenos do Chaco.

O comando aliado, sentindo a impossibilidade técnica de forçar com a esquadra, no momento, as passagens de Humaitá tão fortemente defendidas e, muito menos a de reabastecer os navios que, por aquêlo ato, passassem a operar a montante da fortaleza, e bem assim, sentindo os incômodos dos recursos que o inimigo carregava regular e impunemente do interior para aquela praça forte, pela via fluvial e pelos embarcadouros da margem alta do rio (esquerdo), entenderam que seria de necessidade imediata, acercarem-se da beira do Rio Paraguai, ao Norte das posições atuais, a fim de examinar as possibilidades daqueles embarcadouros, principalmente a de Taíí, que tomava de enfiada larga extensão do curso d'água. Secundariamente havia necessidade de esclarecer sobre a existência ou não de tropas de maior vulto embrenhadas nos matagais do Alto-Nhembucu, ameaça permanente aos acampamentos de Tuiú-Cuê.

Dentro dessa ordem de idéias, Mitre e Caxias resolveram mandar dois destacamentos de descoberta, na direção Norte, um, o brasileiro, sob comando do Brigadeiro Andrade Neves e o argentino, às ordens do General Hornos, cada qual explorando zonas diferentes, Hornos o interior e Andrade Neves a barranca do rio, com a cláusula obrigatória de, *"por fim juntarem-se pouco ao Sul de Villa Del Pilar e acometerem essa vila"*, a qual, segundo informes, estava guarnecida com cêrca de 200 infantes, um piquete de cavalaria, 2 peças de artilharia batendo o "passo" e fornecedores de gado, onde, segundo as "instruções", as duas colunas *"procurariam aprisionar a tropa ou os homens que ali se achassem, bateriam tôda força que resistisse, tratariam de se apossar de canhões que porventura existissem, destruiriam os Depósitos de artigos*

do Estado que encontrassem, respeitando as casas particulares e as famílias, sem lhes fazer dano algum e destruiriam a estação telegráfica, trazendo as peças principais do respectivo aparelho, e por fim, retirar-se-iam, em uma ou duas comunas, até à altura do arroio Hondo, onde se estabeleceriam até novas ordens e mandariam as comunicações". Faltou, portanto, na ordem do Comandante-em-Chefe dos Exércitos aliados, a definição do comando dos destacamentos, pelo menos a partir do momento em que passariam a agir "juntos", quando, segundo as "instruções deveriam operar "de acôrdo"...

Na madrugada do dia 19 de setembro de 1867, as duas colunas partiram para cumprimento de suas missões. Primeiro a de Hornos pelo interior e em seguida a de Andrade Neves pelo litoral, que logo às 8 horas da manhã, encontrou elementos inimigos que defendiam as passagens do arroio Hondo, que foram desalojados, fugindo e embrenhando-se nas matas visinhas; às 10 da manhã, Andrade Neves atinge a entrada do "Potrero Obella" que manda reconhecer, a despeito das dificuldades do terreno matoso e alagadiço e através de estreitas picadas, pondo em fuga a guarnição de cerca de 200 homens, que deixou 2 mortos, 70 cavalos encilhados, numeroso armamento e cerca de 200 reses de gado gordo; operação necessariamente demorada, o que obrigou a Andrade Neves destacar a Brigada provisória de Camilo Mércio (1º e 21º Corpos provisórios) reforçada pelo 10º Corpo (T. Cel. Hipólito Ribeiro), para, forçando a marcha, procurar contacto com Hornos e preveni-lo da próxima chegada, pela noitinha, do restante da cavalaria brasileira.

Só depois das 13 horas, pôde Andrade Neves prosseguir para o Norte, visando ao encontro com Hornos, a fim de com êle operar "de acôrdo" contra a Villa Del Pilar, quando, ao cair da tarde e ao se abeirar do Estero Ibaí, onde pretendia pernoitar para investir no dia seguinte sobre aquela vila, divisa forte coluna que marcha em sua direção e que reconhece ser a tropa de Hornos, o qual declarou haver "*reconhecido que a vila estava abandonada e que o inimigo estava do outro lado do arroio Nhenbucu com duas peças de artilharia e uma grande força, e que assim sendo, considerava concluído o objeto da expedição, podendo-se regressar no dia seguinte*", com o que não concordaram, unânimemente, Andrade Neves e seus lugar-tenentes, comandantes de Brigada, Niederauer, Gonçalves da Silva e Camilo Mércio que entendiam não estar satisfeita a missão que lhes havia sido dada pelo comando supremo, uma vez que a vila não havia sofrido ataque e consequentemente não houve aprisionamento de homens, nem foram batidas quaisquer resistência, nem houve destruições e muito menos a posse dos canhões, cuja presença estava agora confirmada. Isto pôsto, foram tomadas providências para o ataque na manhã seguinte (20 Set. 67), das posições inimigas de defesa da Villa del Pilar. Técnica e taticamente perfeita, a tomada da Villa del Pilar se iniciou com a escolha do pessoal mais bem montado, para, no menor tempo possível, fazer a aproximação de cerca de uma légua, entre o acampamento e a vila. Em seguida,

diante da impossibilidade de transpor o rio à viva força, frontalmente, Andrade Neves designa 200 homens do 10º e 11º Corpos, sob comando do T. Cel M. Rodrigues de Oliveira, para ocuparem à vila, simularem operações de travessia e de utilização do "Passo Real" (que estava sob fogos inimigos), tomar sob seus fogos o inimigo da margem Norte do Nhembucu e, por fim, diante da circunstância momentânea da aparição de reforços inimigos vindos em embarcações, obstar-lhes o desembarque, por forma a cobrir a manobra do grosso atravessando o arroio no passo existente a meia légua a montante, para tomar o inimigo de flanco e pela retaguarda. Sentindo a presença da vanguarda brasileira (6º Corpo), o inimigo deixa cortina diante da vila e faz frente à esquerda, apresentando cêrca de 400 combatentes de infantaria e cavalaria, contra os cavalarianos do Major Isidoro Fernandes de Oliveira, operação presenciada por Andrade Neves, que faz atravessar os elementos dos três Corpos restantes. 7º (Cel. Cipriano de Moraes), 1º (Maj. Vieira Souto) e 21º (T. Cel. Irineu Topásio); manda *apear* este último e *atacar pelo fogo* (de suas clavinas Spencer), o flanco esquerdo do inimigo, constituído de infantaria, enquanto que êle próprio carrega, contra a cavalaria guaraní da ala direita, já não mais apoiada no rio, à frente de 6º, 7º e 10º Corpos, desbaratando o inimigo, que corre para a barranca do rio, onde se deixa matar a maioria, ou aprisionar alguns feridos graves, entregando inclusive, as duas peças de artilharia que apenas tiveram tempo e oportunidade de fazerem três disparos de pouco efeito.

Enquanto isso ocorria na margem Norte, o T. Cel Rodrigues de Oliveira, dando prova de decidida iniciativa e de esclarecida disciplina intelectual, diante de novos reforços inimigos chegados com os vapores "25 de Mayo" e "Iguereí" e mais uma chata atracada ao costado dêste, fêz cessar fogo, simulando abandonar à vila para, em seguida carregar com dois esquadrões sobre o inimigo tomado em pleno delito de desembarque afoito e descuidado, acutilando-o e lanceando-o violentamente, matando e ferindo muitos, enquanto que a maioria, tomada de pânico, jogava-se ao rio em desesperada fuga, buscando, a nado, abrigo nos navios de onde tinham vindo. Tôda a manhã do dia 20 de setembro foi gasta na refrega que infligiu grandes perdas ao inimigo, o qual deixou mais de 100 mortos no campo de batalha, inclusive o comandante da tropa, que se deixou matar combatendo junto aos canhões apresados; foram feitos 74 prisioneiros, dentre os quais havia 4 oficiais, sendo que alguns foram presos em uma chata de desembarque que os gaúchos de Rodrigues de Oliveira — *laçaram* —, quando se aproximava da praia. As prêsas consistiram em 200 rezes, 60 cavalos, 2 canhões com 100 tiros, 2 carrêtas de munição carregadas com 5.000 tiros de infantaria, uma grande partida de 10.000 cartuchos de infantaria encontrados em depósito, junto com cinco caixas de pólvora para canhão, 263 espingardas, 78 lanças, dois estandartes tomados em ação e mais 4 encontrados nos depósitos, além de surrões de charque e sacos de farinha, do que boa parte foi consumida ou destruída por dificuldades de transporte.

As 17h 30m, Andrade Neves reuniu, novamente todo o seu pessoal no acampamento do Estero Ibaí, onde recebeu as partes de combate dos seus comandados, verificando que para completo cumprimento da missão, faltava ainda o reconhecimento de Taí que foi diferido para a manhã do dia seguinte, dela ficando encarregado o 6º Corpo (T. Cel Manuel Inácio da Silva) com o Maj. Rufino Galvão, engenheiro encarregado do relatório técnico sobre o valor da posição relativamente ao seu comandante sobre o rio. Este último reconhecimento encontrou a posição quase desguarnecida e fatos posteriores fazem admitir que os esforços chegados nos navios à Vila del Pilar, no dia 20, eram constituídos pelos elementos daquela guarnição. Os poucos homens encontrados pelo reconhecimento, atravessaram apressadamente, em canoas, o rio Paraguai, e da outra margem tirotearam, inutilmente, os nossos. O reconhecimento do 6º Corpo destruiu, pelo fogo, todas as instalações imóveis encontradas no posto e o engenheiro-relator expendeu parecer nos seguintes termos: "... A barranca é alta própria para uma bateria forte, que assestada, cortará, pelo rio Paraguai a comunicação entre Humaitá e a Capital. Essa barranca é ainda mais azada para esse fim do que a do Pilar, não só por sua elevação, como por ficar mais próxima deste nosso acampamento. Na barranca do Taí não há mato, porém tem acima e abaixo pela margem do rio..." (essas informações tiveram aplicação cerca de mês e meio depois, quando se decidiu levantar um forte brasileiro no local).

Dessa forma, não há por que deixar de reconhecer grande importância à famosa batalha de 20 de setembro de 1867, conhecida como a "Conquista da Vila del Pilar", vitória brilhante de Andrade Neves, pela qual foi agraciado com o título de "Barão do Triunfo", cuja tenacidade e irrestrita obediência à missão, devem ser tidas como exemplo, para os chefes de cavalaria. Por outro lado, a batalha, em si, marca outras características da arma do movimento, tais como — a seleção de homens melhor montada para execução do lance final; a utilização do fogo, no combate a pé, talvez pela primeira vez empregado pelas cavalarias sul-americanas; o acerto e oportunidade da combinação desse fogo, aferrando a infantaria inimiga, com a carga contra a cavalaria do flanco direito, desbaratando-a pela surpresa e pela violência das linhas sucessivas de forrageadores; a profundidade da exploração do bom êxito, levada até às posições de artilharia e fechando as saídas do campo de batalha, por forma a destroçar completamente a força inimiga, cujo comandante sucumbiu na peleja; ao Sul, houve a bem planejada e melhor executada finta que levou o inimigo a tentar o desembarque despreocupado e, em seguida, a ousada carga de contra-ataque, devolvendo para os navios as tropas de desembarque, senão aprisionando-as, ferindo-as ou as exterminando.

Mitre, o Comandante-Chefe dos Exércitos Aliados em Operações ao Sul do Paraguai, referindo-se à operação, fez a seguinte declaração: "Conforme eu esperava, com toda a segurança, a expedição ao Pilar proporcionou os mais brilhantes resultados. Dou grande importância a

êste acontecimento, não só pelas vantagens materiais que nos facultou, senão também (e isto é o mais importante), pela desmoralização que vai ocasionar nas forças paraguaias e no interior do país".

A conclusão estava absolutamente certa; o inimigo reativou suas medidas de sobrevivência através do Chaco, aumentou a guarnição da praça de Timbó, na margem direita do rio Paraguai e a montante de Humaitá e, ao Sul do Estero Rojas, passou a tentar golpes desesperados contra a linha de reabastecimentos aliada do Passo Ipôhi, e até mesmo contra o acampamento de Tuiuti. No campo tático da segurança das posições de Tuiui-Cuê, Caxias sentia por demais delicada a situação de seu flanco direito, onde o terreno se apresentava coberto de banhados e capões, cuja vigilância consumia vultoso contingente e conduzia a freqüentes recontros de patrulhas que seguidamente constataavam a presença de elementos mais fortes nos campos mais do Norte, próximo ao Arroio Hondo e às fortificações de Humaitá. Soube-se, mais tarde, que o inimigo cioso de seus famosos "Acá-Moroti", a cavalaria índia de Rivarola, tratou de concentrar o pouco que restava dessa força de elite, nos campos fortificados de Humaitá e, porque não dispusesse de meios para forragear a cavalaria no interior da praça forte, fazia-o nos campos das cercanias, cobrindo-se nos banhados e capões de mato, cujas veredas conhecia perfeitamente. Do nosso lado, era evidente que o mistério do terreno e aquela presença indesejável de tropa, trazia incômodo e preocupação, razão porque tratou o comando iluminado de Caxias de pensar em removê-los, montando operação ofensiva capaz de destruir aquelas forças.

As circunstâncias porém fizeram com que os acontecimentos se precipitassem, travando-se no dia 3 de Out. 67 um violento combate de encontro, de curta duração, bem verdade, mas de duras perdas para o inimigo, o chamado "Combate de Pare-Cuê".

Na manhã do citado dia 3 de outubro, o Coronel Antonio Fernandes de Lima, comandante da 6ª Divisão de Cavalaria, tropa de serviço no setor de S. Solano, nas inspeções rotineiras do dia, verificou que o inimigo mantinha piquêtes aquém do banhado que cobria o grande "Capão das Dúvidas", também chamado pelos paraguaios de "Isla Taii", o qual por sua vez parecia fortemente ocupado, e, distando apenas 3/4 de légua daquela localidade, constituia perigo iminente, que era preciso remover. Um simples esquadrão mandado para desalojar o piquête inimigo, con-segue fazê-lo, mas cai sob intensa fuzilaria vinda do capão, confirmando a ocupação do local. Fernandes Lima faz aproximar tôda D. C. (ainda que muito desfalcada, pois só conta com cerca de 400 cavaleiros) e Andrade Neves, alertado pelos tiros, faz manter uns 900 homens e com êles procura se justapor à D. C. de Fernando Lima, para juntos acometerem o inimigo do famoso "Capão das Dúvidas", o que fazem, apeando alguns atiradores que tomam sob seus fogos as orlas do capão, sem se adentrarem muito nos banhados. O inimigo cede e começa a rarear o fogo, quando chega a intervenção dos elementos da Brigada Barros

Falcão, com artilharia que atira sobre o capão, acelerando a retirada do inimigo, providência esta tomada por Caxias, igualmente alertado pelos tiros que ouvia ao Norte de seu QG, em Tuiu-Cuê. Diante do recuo do inimigo, foi ordenado "Cessar Fogo" e "A Quartéis" retirando a tropa, devendo, todavia, a 2ª D. C. permanecer em observação até ser substituída pela 1ª D. C. (tropa de serviço no dia), que se desloca através campo para procurar a direita da 6ª D. C.

O inimigo percebendo o retardamento da 6ª D. C. que aguardava a reunião os elementos de P. A. ainda dispersos, se reagrupa e se lança em força contra aquela divisão, que reage à altura, enquanto que ao Sul, Andrade Neves destaca o 10º Corpo provisório (Ten-Cel Hipolito Ribeiro) em vigilância sobre a estrada Humaitá — S. Solano, e manda o 11º Corpo (Ten-Cel Rodrigues de Oliveira) carregar sobre o flanco direito do inimigo, ao passo que o resto da D. C. se reagrupa para constituir escalões sucessivos de cargas sobre o flanco direito inimigo, e a 1ª D. C. (J. M. Menna Barreto), encarregando a 2ª Brigada de cobrir seu próprio flanco direito, e os argentinos do Coronel Santos Corrêa de garantir sua retaguarda (mantendo as passagens do Arroio Hondo), justapõe-se à direita da 6ª D. C. e acomete, com a 1ª Brigada, o flanco Norte (esquerdo) do inimigo que é totalmente desbaratado e pôsto em fuga, não sem deixar o alto preço de sua ousadia, representado por 500 mortos, 200 prisioneiros, 8 estandartes, mais de uma centena de cavalos encilhados e numeroso armamento, inclusive de fogo portátil, tudo no curto espaço de 3/4 de hora, tempo dessa refrega final, cuja perseguição foi levada até os campos de Pare-Cuê, vizinhos de Humaitá e Estabelecimento.

Notável nesse sangrento reencontro terá sido o fato descrito pelo trecho abaixo, da Ordem do Dia n. 140, do E. M. de Caxias a saber :
"... Pelo mau estado da cavallhada do 18º Corpo provisório, pertencente à 7ª Brigada da 6ª Divisão, muito pouco eram as praças disponíveis para entrar em combate. Alguns de seus oficiais, porém, cujos corações patrióticos ardiam no louvável desejo de tomar parte na luta que se ia travar, coligaram-se, formando um meio-esquadrão, fazendo também dêle parte três sargentos e um cabo-de-esquadra. Este punhado de bravos, armados de lança, como se fossem simples soldados, por três vêzes carregou sobre o inimigo, derribando em tórno de si inúmeras vítimas, e levando o terror as fileiras inimigas. Por tal feito, são dignos dos maiores elogios êstes oficiais e praças, e é com grande satisfação que S. Excia. Sr. Marquês ordena que seus nomes se declinem, comprometendo-se a recomendá-los fervorosamente ao Govêrno e à alta Muni-ficência Imperial". É como dizia o grande chefe e mestre Benício da Silva, a Cavalaria não é melhor nem pior do que as outras Armas, é apenas ... diferente ...

Mas a necessidade de sobreviver da cavalaria guarani era mais forte do que o perigo dos ataques nos campos de Pare-Cuê e, bem assim o projeto de Caxias de atacar de surpresa mantinha-se em plena evidência,

dispondo para tanto, de cêrca de 5000 cavaleiros bem montados, dependendo a execução apenas da aprovação de Mitre, o generalíssimo aliado, que concordou em desfechar o golpe no dia 21 de outubro de 1867.

Na véspera do acontecimento, dia 20 de outubro, reuniu Caxias na sua barraca, os comandantes das tropas por êle designadas para realizarem a operação, para lhes expor a idéia geral, a saber:

1) Participariam da operação 4 D. C. : De W para E, a 5ª (Vitorino Monteiro) e a 2ª (Andrade Neves) acometeriam o flanco direito do inimigo, que devia ser atraído para os campos de Tataibá, devendo ainda, aquela 5ª esforçar-se por cortar a retaguarda do inimigo; a 1ª (J. M. Menna Barreto) e a 6ª (Fernandes Lima) atacariam de frente, partindo dos capões de mato ao S. de Isla Taii (Capão da Dúvida); a Brigada de Infantaria do Cel. Pinheiro Guimarães postada à esquerda dessas duas D. C. tomando sob fogos os banhados SE de Tataibá.

2) Argolo deveria ficar de sobreaviso em S. Solano, com reforço de dois Btl. para a eventualidade de se generalizar a operação, (êste, preventivamente destacou o Cel. Bethbeze, com 4 Btl e 4 bôcas de fogo, para a estrada S. Solano — Humaitá, para acolhimento da cavalaria, em caso de insucesso), e bem assim, Osorio com sua 4ª D. I.

3) A operação seria desencadeada de surpresa, mediante sinal convencional, e todos os movimentos de tomada de dispositivo seriam feitos sob a maior discrição e disfarce.

Na madrugada do dia 21, a tropa tinha realizado o seu dispositivo; a 5ª D. C. com a sua Vg (Coronel Astrogildo Costa) no ponto mais vizinho de Humaitá, oculta atrás do parapeito da fortificação e que, segundo o Diário de Caxias, *“para mascarar êsse movimento, havia sido previamente elevada à altura do mesmo parapeito, por meio de galhos de árvores, formando uma floresta artificial”*. O grosso da 5ª e a 2ª ocultos nos laranjais próximos ao acampamento. A 1ª e a 6ª nas matas designadas, com atiradores em posição para hostilizar e artair o inimigo para os campos de Tataibá, por forma a distanciá-los ao máximo da sua base de Humaitá e, com elas, a Bda Pinheiro Guimarães, formando ângulo, para cobrir a direção de Tui-Cuê; em S. Solano, a tropa de Bethbeze escalonada e formando emboscada (dispositivo em L, inteiramente disfarçada no terreno), pronta para sua missão de acolhimento e cêrco dos perseguidores, se fôr o caso, com vigilância ativa nas margens do Arroio Hondo, para evitar golpes de mão do inimigo pela retaguarda.

Ao alvorecer começaram a sair de Humaitá os piquêtes, esquadrões e regimentos da cavalaria guarani, aparentemente para repasto da cavalaria, saindo cada qual em suas direções, à busca de pasto tenro, quê, nesta altura, já estava afastado daquela fortaleza, pelo pisoteio dos dias anteriores. Também verificava-se que alguns destacamentos tinham missão de segurança, afastando-se bastante dos grossos que, com certa dis-

plicência, desencilhavam suas montadas e churrasqueavam à beira dos matos. Tudo isso era notado pelo próprio Caxias, postado no observatório da Bda Astrogildo que, por volta das dez horas, avaliando em 2000, os "Acá-Moriti" de Caballero (reconhecido pelo rico ajaezado, em prata faiscante, de sua montada) espalhados pelo campo, resolveu alertar, por telégrafo de campanha, às 1ª, 2ª e 6ª D.C., para que tratassem de atrair a atenção do inimigo, tiroteando com suas avançadas e, às 10,45 soltou o sinal convencional (três tiros de canhão, seguidos de foguetes) de início da operação, fazendo partir a Vg, com piquête escolta em primeiro escalão, a galope, na direção de Humaitá, com a missão de "*cortar retaguarda do inimigo*", seguida de perto da 5ª D.C. que acomete o inimigo antes que este tenha encilhado e reagrupado para o combate; poucos minutos depois, a tropa de Andrade Neves, surgindo de seus esconderijos, carrega os elementos que se reagrupam em Tataiibá os quais, aos primeiros embates procuram se reunir aos dos campos de Pare-Cuê, ou quicá, tentam alcançar as muralhas de Humaitá procurando proteção. O inimigo assim surpreendido entra em pânico e segundo descreve Thompson, "*Caballero abriu caminho até colocar-se debaixo dos fogos de Humaitá. Durante esse percurso de três milhas esteve completamente cercado e foi combatendo braço a braço. A Cavalaria paraguaia sofreu muito: teve 400 mortos e deixou 138 prisioneiros (todos feridos). Alguns feridos puderam chegar a cavalo até Humaitá... O que admira, é que tenha havido quem escapasse*".

A 1ª e a 6ª DC que iniciaram o combate com atiradores a pé, só participaram do final da refrega a cavalo, perseguindo o inimigo em retirada. E porque a Cavalaria brasileira tivesse levado os elementos de perseguição até às proximidades imediatas do reduto central de Humaitá, provocou deste a reação de fazer desencadear, pela primeira vez, fogos de artilharia contra as tropas terrestres dos aliados.

A batalha durou pouco mais de uma hora e ao final verificaram-se, nas hostes amigas: mortos, dois oficiais e oito inferiores e soldados; feridos, 22 oficiais (10% do efetivo) e 91 inferiores e soldados (3,2%); do lado paraguaio, mortos, 583; prisioneiros, 178, perfazendo 761 perdas, ou sejam 44,7% do efetivo apontado pelos historiadores paraguaios, 1.700 cavaleiros.

Mitre, respondendo à parte de combate de Caxias em que o grande cabo-de-guerra ressaltava o brilho da vitória dos aliados, disse o seguinte texto: "*O completo triunfo que importa este combate e as vantagens obtidas por ele, dão uma glória a mais às armas aliadas em geral e à cavalaria brasileira em particular e honra aos chefes, oficiais e soldados que o conseguiram. Devolvo a V. Excia. a felicitação que me dirige por esse motivo, felicitando muito especialmente a V. Excia pelo acerto com que tomou suas medidas para melhor êxito da empresa*".

Era a redenção da Cavalaria brasileira, era o seu cartel de bravura e galhardia que se refazia na exuberância de uma vitória esmagadora e decisiva, devolvendo em glórias os sacrifícios pela Pátria feitos com a aquisição e forrageamento de sua arma essencial: o cavalo.

A realidade dos fatos é que, segundo Resquin, historiador guarani, *“nos combates de 2 e 21 de outubro, dados por Lopez sem nenhum fim estratégico, perderam os paraguaios tôda a sua Cavalaria”*. O cêrco das tropas aliadas à Fortaleza inimiga tornou-se ainda mais efetivo, e o grande número de prisioneiros feitos permitiu que, por hábil interrogatório, ficasse o Comando sabedor de que o Ditador continuava a receber recursos, vindos do interior através do famoso Potrero Obella, onde já haviam numerosas boiadas e cavalhadas (o que fôra constatado com resultados positivos, na jornada de 19 de setembro), sob a guarda de vultoso destacamento sob o comando de certo Capitão Gonzales, com entrincheiramentos preparados em várias passagens obrigatórias a quem ousasse penetrar naqueles cerrados matagais, além da existência de postos à beira rio, destinados a apoiar os navios de guerra e de transportes de gêneros do inimigo. Outrossim, soube-se que Villa del Pilar havia sido reocupada e que lá havia atividade militar de tôda espécie e que, no Arroio Jacaré e no rio Tebicuarí se realizavam trabalhos de fortificação (7,5 a 8 léguas daquela Vila).

Havia, pois, razões mais do que fortes para novos reconhecimentos ao Norte do Arrôio Hondo. No dia 27 de outubro, Mitre fêz marchar sôbre Villa del Pilar o Major argentino Ascuña com um pequeno destacamento de descoberta que foi batido pelo comandante paraguaio Rojas, na região do Estero Ibaí (onde Andrade Neves acampara, no mês anterior, para acometer àquela Vila), só lucrando o ensinamento de que o assunto deveria ser tratado com efetivos mais respeitáveis. Caxias entendeu de dar a missão a destacamento de um Corpo de Cavalaria, sob comando de João Manuel Mena Barreto, compôsto da 1ª DC (cujo comando êle próprio passou ao Cel Oliveira Bueno) e da 2ª DC (Andrade Neves), reforçado pela Bda Inf do Coronel Salustiano Jerônimo dos Reis (1º, 2º, 7º, 8º e 9º Batalhões de linha e mais o 24º e 33º Corpos de Voluntários da Pátria) e apoiado por uma Bia Art sob comando do Cap José Tomaz Theodósio Gonçalves, com o concurso técnico do engenheiro Major Rufino Galvão e contingente de sapadores, além do pessoal de saúde e trens.

Teria tido êsse forte destacamento a seguinte Missão múltipla:

a) Reconhecer o terreno ao Norte do arrôio Hondo até o corte do rio Nhenbucú, entre o rio, à esquerda e a mata, à direita, destruindo a linha telegráfica que por êle se desenvolver;

b) Empreender “razzia” nos terrenos de Potrero Obella, apossando-se das preias por ventura encontradas e ocupando as entradas do mesmo potrero, por forma a impedir e aprisionar tropas de gado ou o que fôr, que nêle pretenda penetrar;

c) Reconhecer o pôsto de Taíí e a Vila del Pilar, guarnecendo-as, se necessário;

d) assegurar constante ligação do Destacamento com o QG de S. Solano.

Na manhã do dia 29 de outubro de 1867, Mena Barreto deu início à execução da missão, ocupando posições imediatamente ao N. do Arroio Hondo com dois regimentos da 2ª DC *"para garantir a retaguarda"* ou mais objetivamente, para assegurar a ligação com o QG de S. Solano e acolher o Corpo, em caso de insucesso, e destacando o 2º RC (J. Sabino Mena Barreto) e 3º RC (Justiniano Sabino da Rocha) como Vg. do destacamento, sobre a estrada real de Assunção, a qual, por sua vez, cerca de légua e meia do arroio, foi tiroteada por atiradores guaranis que defendiam a entrada do potrero, um extenso desfiladeiro aberto na mata, que conduzia a trincheira bem defendida pelas tropas do Cap Gonzales. Mena Barreto monta ataque frontal à posição, por batalhões sucessivos 2º, 7º e 33º, apoiados pela artilharia, cujas peças tiveram que entrar em posição *"à braço"*, tal a dificuldade do terreno e o cerrado do mato, enquanto outros três Btls, 24º, 8º e 9º, através picada aberta *"à machete"*, deviam contornar a posição e surpreender o inimigo pela retaguarda, o que foi conseguido com pleno êxito, ainda que a alto preço de vidas, dada a natureza mesma do combate. Sobre 300 homens da guarnição da trincheira, os paraguaios perderam 50% inclusive o valoroso Cap Gonzales, comandante da tropa, e dentre os fugitivos, acutilados pela cavalaria de NIEDERAUER (3ª Bda), foram aprisionados mais 56 homens válidos. As preias foram: seis carretas com munições de infantaria, uma carretilha, 200 armas, 50 cavalos e 600 bois de corte. Os brasileiros tiveram 85 mortos, sendo 9 oficiais, e 310 feridos (8% do efetivo) e Caxias ao redigir a parte de combate em Ordem do Dia, assim se expressou: *"...Foi de certo este combate muito mais sangüinolento do que deveria ser, por motivo da posição que o inimigo ocupava, em uma picada de mato virgem, com os dois flancos apoiados em banhados quase invadiáveis, que os nossos tiveram que atravessar debaixo de fogo, com água até o pescoço..."*.

Na segunda parte da jornada, Menna Barreto fez reconhecer Villa del Pilar (2,5 léguas), através de Taií (3/4 de légua). Neste pôsto fez correr a pequena guarnição ocupante, que transpôs o rio, atirando inútilmente da margem direita, enquanto que patrulha lançada para o Sul, pela restinga à beira rio, deparou com outra entrada para o potrero Obella, posição que se admitia ocupada por cerca de 600 homens, sob comando do Major Franco e que era conhecida como Laureles, onde, inclusive, alguns navios tomavam lenha. Villa del Pilar foi encontrada, mais uma vez, abandonada, tendo os Esquadrões do 3º RC podido percorrê-la em tôdas as direções, sem a menor reação.

Na jornada de 30 de outubro, Menna Barreto, bivacado no Potrero, recebeu como reforços, o 23º VP e o 1º C. Cav, além de elementos de mão-de-obra de engenharia e respectivo material de sapa. Na manhã seguinte (31), partiu para Taií outro destacamento composto de 3 Btl. Inf., 1 C. Cav. e 2 bôcas-de-fogo, para cobrir a reconhecimentos técnicos para instalação, no local, de um forte brasileiro. O destacamento expulsou a pequena guarnição local e trocou tiros de artilharia com um navio que caturrava próximo ao barranco, pondo-o em fuga, rio a cima.

No dia 1 de novembro, o inimigo tenta desembarcar à viva força um contingente, diante do pôrto, sem resultados práticos, razão por que desloca a operação para sítio cêrca de uma milha a montante, aí desembarcando o valor de 2 ou 3 batalhões (600 homens) sob o comando do dedicado ajudante-de-campo do Ditador, major Villamayor o qual consegue interiorizar os gaúchos do Cel Camilo Mercio (1º Corpo provisório), ali deixado em observação e à espera do Destacamento enviado em reconhecimento de Laureles, o qual de lá trouxe planta dos entrancheiramentos (voltados para Taíí) que defendiam o acesso ao Potrero, mas que no momento estavam quase desguarnecidos, além da informação da existência de uma linha de telégrafo que, pela restinga ligava Taíí (e provavelmente mais ao Norte) com o QG de Lopez, em Passo Pucú, desvendando-se, assim, o mistério de tantas vêzes se haver danificado e interrompido a linha de telégrafo que costeava a “estrada real de Asunción”, sem que o inimigo aparentemente o sentisse, embora sempre procurasse refazer a dita linha, não raro com sacrifício das pequenas turmas de trabalho.

* Caxias ao ter conhecimento dêsse contratempo e por haver decidido a ereção de um forte brasileiro em Taíí, onde futuramente pudesse apoiar em lenha, aos navios da esquadra, tão logo êstes forçassem as passagens de Humaitá, ordenou a Menna Barreto que, (conforme texto do Diário) “... *impreterivelmente, tratasse de ocupar a posição, marchando na madrugada do dia seguinte com força suficiente para derrotar as do inimigo, a fim de não lhe dar tempo de fortificar-se, devendo, porém, o ataque ser feito à baioneta, para evitar que se reproduzisse o o fato do ataque ao Potrero Obella, em que tivesse grande prejuízo, por ter-se demorado êste expediente, sempre infalível na derrota da infantaria inimiga*”.

A ordem foi cumprida com exatidão e presteza, a infantaria atacou em duas linhas sucessivas, com escalões desbordantes em cada flanco, flanqueamento prolongado pela cavalaria que, à direita, evitou a chegada de pequeno refôrço que desembarcava, a despeito do fogo de artilharia dos navios inimigos, e à esquerda (Sul) vigiava a direção de Laureles. A artilharia, seguindo o centro do dispositivo, coberta pelo 23º VP, entrou em posição favorável e tomou sob seus ajustados fogos (verdadeira contra-bateria) os navios que apoiavam a cabeça de praia do inimigo, pondo a pique o Olimpo com 4 canhões, incendiando o Veinte y Cinco de Mayo (seis canhões) e pondo em fuga o Iguaré (5 canhões), enquanto que a infantaria, depois da carga de baionetas, fazia a “limpeza” do pôsto, em encarniçado “combate de localidade”, pelejando dentro e fora dos barracões armazéns, em cruentos “corpo-a-corpo” que valorizam a vitória e dignificam a bravura. A refrega durou cêrca de duas horas, deixando o inimigo no campo de batalha 24 cadáveres, entre êles o do major Villamayor, comandante da força, um dos últimos a morrer na luta desesperada dos casebres, e 71 prisioneiros, quase todos feridos, além de 400 espingardas com cartuchame e equipamento (pois os fugitivos ao se atirarem n’água se desfaziam dêsses impecilhos), amarrados de ma-

terial de sapa, seis estandartes e um pequeno cofre de campanha com boa soma de moedas de ouro, sem falar no prejuízo dos navios, já mencionado. Os brasileiros tiveram 126 baixas, sendo 33 mortos (2 oficiais) e os demais feridos (sendo 5 oficiais).

As 8 horas da manhã de 6 de novembro foi içada a Bandeira nacional na bateria principal do forte que ali se erigia e que foi batizado de "Forte São Gabriel" em homenagem a João Propício Mena Barreto, Barão de São Gabriel, progenitor do Comandante do Destacamento. Esse forte, feito no rigoroso estilo "Vauban", devia apresentar três baterias para o rio, a do centro, "2 de novembro", rememorando a vitória recém-conquistada, a do Norte, "29 de outubro", lembrando a vitória de Potrero Obella e a do Sul, "21 de setembro", comemorando o primeiro reconhecimento de Andrade Neves ao local, era circundado por largo fôss, ericado de estrenes cujas terras constituíam os parapeitos apoiados em estacas, podendo conter no seu interior até 2.000 homens. Parte da tropa passou a acampar ao Norte do Arroio Hondo, entre o Potrero Obella e Estero Ibaí, ficando a cavalaria na mais franca das atividades, seja para curtos reconhecimentos sobre Pilar (15 Nov.), ou sobre o flanco Norte de Humaitá, (20 Nov.) pelo interior das matas do Arroio Hondo, de que resultaram preciosos pormenores sobre a organização e os hábitos de célebre "Reducto Cierva" ou simplesmente, Estabelecimento, a sentinela do Norte do quadrilátero fortificado de Humaitá; seja para os profundos reconhecimentos de 7,5 a 8 léguas, sobre o corte do Tebiquari e Arroio Jacaré, seu afluente da margem Sul (24 Nov. e 13 Dez.) tornando cada vez mais efetiva a ação esmagadora do cerco, senão mesmo, preparando a vitoriosa desabalada para o Norte, com que Caxias havia de aureolar sua coroa de glórias militares no embate final da Dezembroada.

O ano de 1867 foi, sem sombra de dúvida, um ano glorioso para a cavalaria brasileira.

EPOPEIA DE LAGUNA

O ano de 1867 foi ainda o ano em que se desenrolaram os trágico-heróicos acontecimentos havidos com o famoso "Corpo Expedicionário de Mato Grosso", a tropa que a 1 de abril de 1865 partiu a pé do Rio de Janeiro, com destino a Cuiabá, devendo receber elementos de reforço quando da passagem por S. Paulo, Minas Gerais, Goiaz e Mato Grosso, não só de tropa de linha, como de Voluntários e Policiais dessas Províncias e que, ao atingir Santa Rita, na margem mineira (esquerda) do Paranaíba, no dia 29 de setembro de 1865, isto é, 5 meses e 28 dias depois da sua partida do Rio, beirando ao efetivo dos 3.000 homens, sob o comando do Coronel Manuel Pedro Drago, recebe do Governo "Instruções" tão lacônicas quanto formais, determinando: "*Demandar, em marchas forçadas, o Distrito de Miranda, a fim de desalojar o inimigo que ali acantonara*". Um mês levou a Coluna para atingir a localidade de Dores (hoje Rio Verde), em Goiaz e daí, rumando francamente

para Oeste, passou por Jataí e Santa Rita do Araguaia, desceu o Rio Taquari até chegar às elevações da velha Colônia militar de Coxim, antiga Freguesia de S. José de Herculânia, na margem direita daquele rio, defronte à foz do rio Coxim, que pelas dificuldades do terreno nas 103 léguas que separam essa localidade daquel'outra de Dolores, só foi atingida no dia 20 Dez 65, 50 dias depois da partida desta última localidade. Faltavam ainda 60 léguas para chegar a Miranda, mas as águas prematuras fizeram transbordar os rios de seus leitos e o "pantanal", de que Coxim é o vértice NE, nesse ano, insulou durante seis meses a Coluna nas alturas de Coxim, com todo o fúnebre séquito de privações de alimentos, de febres e doenças tropicais que ceifaram centenas de vidas dos componentes do famoso "Corpo Expedicionário". A 26 de junho transpôs o Rio Taquari rumo a Miranda, a legendária "Coluna", sabendo que à sua frente estavam a travessia de três rios caudalosos, o Negro, o Aquidauana e o córrego Agachi, que a marcha encontraria terrenos inundados, barcos e pantanais quase intermináveis e que nas águas paradas dos brejos malsinos e poluídos, proliferavam germes de toda sorte de desistências e mosquitos transmissores da malária. Noventa dias foram necessários para vencer tão árdua etapa e quando a tropa formou para prestar "Continência ao terreno", no fim da marcha em Miranda, escassamente contavam-se 2.000 combatentes e entre os ausentes por morte, figurava o nome do General José Antônio da Fonseca Galvão (que no percurso substituiu o Coronel Drago, chamada à Côte) e que não resistira à malária reinante, falecendo no dia 13 de julho de 1866, à margem do Rio Negro.

As "Instruções" estavam cumpridas, o objetivo atingido com a constatação de seu completo abandono e quase total destruição feita pelo inimigo, antes de bater em retirada, e, para isso, foram gastos um ano e oito meses de penosas marchas e uma contribuição em vidas humanas no valor de um terço das tropas reunidas para cumprimento da missão de *"repelir e expulsar os paraguaios que haviam invadido Mato Grosso, distrair sua atenção para essa região, por forma a dividir as suas forças e enfraquecer sua ação contra os Exércitos aliados do Sul"*. Rica missão de triste sacrifício, para um Corpo Expedicionário que, por inadequação de efetivo, de organização e de meios, trazia em si própria o estigma da fraqueza, a qual se haveria de converter, nos momentos épicos em firmes demonstrações de estoicidade, de coragem, de perseverança, de respeito ao dever e de denodado patriotismo, elevando às culminâncias da sublimidade, o valor do soldado brasileiro.

Em verdade essa minúscula Brigada, já então reduzida a apenas 1.600 combatentes distribuídos sob as bandeiras do 17º de voluntários de Minas Gerais, do 20º de infantaria de linha de Goiás, do 21º de infantaria de linha de S. Paulo, do 1º Corpo de Caçadores a Cavalo (quase que totalmente desmontado) e do Corpo Provisório de Artilharia, com 4 canhões "La-Hitte" de 4 polegadas (remanescente do Corpo de Artilharia do Amazonas) e mais a Comissão de Engenharia e a Comissão

Médica, sob o comando de seu terceiro Comandante Coronel Carlos de Moraes Camisão, retomou a marcha rumo a Nioac no dia 11 de janeiro de 1867, levando a enfática denominação de "Fôrças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso" em busca do inimigo retirante, numa resoluta idéia ofensiva, que o tempo e as circunstâncias adversas foram esmaecendo, e que por fim, só o abnegado sentimento do cumprimento do dever alimentava, até o fatídico dia 7 de maio, quando, já em território paraguaio, na famosa Fazenda de Laguna (onde havia esperança de encontrar alguns meios de subsistência), depois de haver batido o inimigo em várias ocasiões e de haver mesmo, conquistado à viva força aquela depauperada Fazenda, ficou resolvido em Conselho de Guerra dos Comandantes, o retôrno da Expedição ao território pátrio, numa retirada voluntária e honrosa, cujas particularidades de execução transformaram em epopéia, e que a gratidão do povo brasileiro soube reconhecer em grandioso monumento de mármore eterno e o civismo das gerações atuais revive, em beatíficas reuniões anuais, em memória dos heróis cujas cinzas têm morada na cripta daquele monumento.

E nada resumiria melhor êsse notável acontecimento do que a própria proclamação que o Comandante do Corpo Expedicionário dirigiu aos seus soldados (reduzidos a 7 centenas), às margens do Rio Aquidauana, no dia 11 de junho de 1867, quando foi dada por terminada a operação, a saber :

"Soldados! — A retirada que acabastes de efetuar, fêz-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias as mais difíceis. Sem cavalaria, contra o inimigo audaz que a possuía formidável, em campos onde o incêndio da macega continuamente aceso, ameaçava devorar-vos e vos disputava o ar respirável, extenuados pela fome, dizimados pelo Cólera que vos roubou em dois dias o vosso Comandante, o seu substituto e ambos os vossos guias. Todos êsses males, todos êsses desastres vós os suportastes numa inversão de estações sem exemplo, debaixo de chuvas torrenciais, no meio de tormentas e através de imensas inundações, em tal desorganização da natureza, que parecia contra vós conspirar.

SOLDADOS! — HONRA A VOSSA CONSTÂNCIA, QUE CONSERVOU O IMPÉRIO OS NOSSOS CANHÕES E AS NOSSAS BANDEIRAS!"

Honra, pois, ao ano de 1867 que, na História Militar do Brasil, reafirmou o esclarecido espírito de ordem, organização e disciplina de Caxias que soube reacender os exércitos estagnados de Tuiuti, a chama ardente do valor combativo e a agressividade de um espírito ofensivo, que sempre foram o atributo das fôrças combatentes brasileiras; que consagrou o espírito manobreiro e a capacidade de movimento, doutrinários e executivos, do Exército Brasileiro, consubstanciado na "Marcha de Flanco de Tio Domingos"; que deu vida à Intendência de campanha, essa "flôr maravilhosa de côres brilhantes, da qual os transportes representam o caule, sem o que a flôr, jamais poderia desabrochar...", no

dizer de Churchill dos tempos modernos, glorificando os "trens" da época e o sacrifício e dedicação das tropas de segurança a êles afetos; que redimiu a cavalaria brasileira, valorizando a sua "arma" de movimento (na época, o cavalo), dando-lhe oportunidades de ação as mais características para ressaltar sua proverbial galhardia e sua denodada audácia; e, por fim, que transformou os ressaibos de uma derrocada na mais legítima expressão de uma gloriosa vitória escrita com as letras de sangue do sofrimento, da abnegação e do mais acendrado amor à Pátria e profundo sentimento do dever, apanágio e orgulho do Soldado Brasileiro.



A DEFESA NACIONAL

ASSINATURAS

Qualquer pessoa categorizada ou entidade civil pode tomar assinatura desta Revista, que se sentirá prestigiada com isto.

Para fazê-lo, bastará comunicar-se com a Secretaria da Revista, indicando nome e endereço (para remessa) e enviando cheque ou vale postal correspondente à assinatura desejada (anual — NCr\$ 2.50).